

# **O CONTROLE E A MECÂNICA DE COMEÇAR MUDAR E PARAR**

Por L. Ron Hubbard

## NOTA IMPORTANTE

Ao estudar Cientologia, certifique-se muito, muito bem de nunca continuar para além de uma palavra que não compreenda completamente.

A única razão por que uma pessoa desiste dum estudo ou fica confusa ou incapaz de aprender, é porque ela continuou para além de uma palavra que não foi compreendida.

Se o material se tornar confuso ou lhe parecer não conseguir apreendê-lo, haverá imediatamente antes uma palavra que não compreendeu. Não vá adiante, mas volte atrás a ANTES de ter entrado em problemas, encontre a palavra mal compreendida e defina-a, depois continue.

L. RON HUBBARD  
Fundador

## CONTROLO E A MECÂNICA DE COMEÇAR MUDAR E PARAR

*(Tirado da palestra Nº 6 do 18º ACC de L. Ron Hubbard,  
datada 22 Jul. 1957)*

A palavra controlo tem má conotação devido ao mau 8C dos pais e dos administradores da sociedade sobre os seus indivíduos. Isto acontece porque a palavra controlo invoca momentos em que nós fomos derrubados para apatia ou nos foram dados comandos conflituosos tais para obedecer, que a partir daí qualquer menção da palavra nos faz estremecer. Mas em Cientologia demos-lhe um novo significado adicionando-lhe Tom 40, o que torna exato este controlo e permite a conclusão do ciclo de ação, coisa que o mau controlo nunca considerou. Também não dramatiza as emoções mais baixas da escala de tom.

Um indivíduo que foi obrigado a resistir ao controlo acaba por ficar alérgico ao controlo e, se ele lhe é alérgico, morre, porque não há nada que se possa fazer com coisa alguma a não ser que essa coisa de alguma forma se possa ver ou controlar.

Se um fluxo flui tempo demais numa direção, tem tendência a estagnar e a fixar-se. Basta inverter este fluxo para desbloquear a situação. Voltamos à Cientologia 8-80 sobre fluxos de duas-vias e compreendemos o que se passa. Quando pomos uma pessoa a imaginar que está a efluir algo, de repente ela ficará anaten. Mas basta afluir algo, no sentido oposto, na sua direção, durante um bocadinho [só a ideia mental de afluir (para dentro)], para acordar imediatamente. Se alguém estiver a pôr mock-ups na sua frente e começar a ficar inconsciente, basta levar esse alguém a recolhê-los de volta para a inconsciência desaparecer.

Um thetan totalmente devotado a controlar coisas e que não é ele próprio de nenhum modo controlado, incorre neste fenómeno. Assim sendo vê-se logo porque é que o controlo de um preclaro é necessário. Se ele lutou contra o eflúvio do controlo, é apenas porque ele esteve a efluir controlo durante muito tempo. Um thetan não pode ficar perturbado com um controlo deficiente ou mau 8C. Trata-se apenas de uma objeção. +++ Eu acho que ele poderia aceitar isto bastante facilmente se ele próprio não tivesse aí um fluxo preso. Se ele próprio não tivesse feito tanto controlo de figuras de imagem mental, ou seja, da mente, do corpo e de objetos do ambiente, não haveria um fluxo preso emanante. Quando alguém aparece e o controla bem, ele opõe-se. Ele opõe-se mais quando o controlo é mau. Mas mau controle, que é má colocação e manejo, naturalmente ataca mais os seus nervos se ele já tem um efluxo preso. Ele não lhe prestaria qualquer atenção se não houvesse um rumo muito batido que começa a virar-se contra ele para o derrubar. Isto não lhe agrada e começa a lutar contra um fluxo, com fluxos.

Um fluxo que flui durante um certo tempo na mesma direção tende a continuar a fluir até que é totalmente bloqueado ou parado. Um fluxo fluindo na mente tempo suficiente na mesma direção, por fim fluirá cada vez mais dificilmente e não mais facilmente como poderíamos presumir. Isto é verdade somente quando está sendo empregada energia. Quanto mais um indivíduo emite energia mais Vácuo ele cria neste lado do fluxo. Quanto mais fluxo ele emite maior o buraco que ele deixa no banco e, por fim, alguma coisa tenta puxar o fluxo de volta para dentro. Ele criou uma “falta” nas massas de energia que o circundam e este Vácuo causado por essa falta tende a preencher-se a si mesmo puxando de volta a mesma linha. É como pegar num elástico e esticá-lo cada vez mais. A analogia não é muito boa porque o fluxo, por fim, só prende. O seu esforço para o manter lá é tão grande que ele só o pode manter parado. Ele tem-no preso.

Alguém aparece e ameaça perturbar este fluxo preso um pouco de nada e o vácuo atrás dele tende a preencher-se muito rapidamente. Ele resiste a isto e prende-o com maior esforço.

A solução para este problema assenta nestes dois dados: um, é que não se pode magoar um thetan, e dois, a pior coisa que poderia acontecer no refluxo é que o banco se desconcertaria de alguma maneira e o deixaria sem algumas das suas belas imagens. Esse

fluxo é normalmente garantido por energia não-criada. Ele mesmo não a criou. Recolheu-a de uma maneira ou de outra de fontes baseadas em fontes mal determinadas. Empacotou a que estava à sua volta e utilizou essa mesma energia.

Existe uma autêntica série de fenómenos elétricos ligados a isto, que ocorrem no campo do pensamento. Foi observado que estas coisas tinham tanta violência que uma pessoa que segurava os eléctrodos do e-metro sofreu uma explosão tão grande, algures perto das mãos, que perfurou a mão e a lata.

Uma pessoa que de vez em quando sofre explosões tremendas em frente da cara e por cima da cabeça pensa que está a ser atacada por alguma coisa. Ela só ficou com um potencial muito elevado e tinha um fluxo preso lá fora o qual alguém perturbou resultando num completo aparato eléctrico. Um grupo de pessoas que anda a brincar com coisas como dar choques eléctricos nas pessoas para as “ajudar” está a ser incrivelmente estúpido porque está, além de tudo mais, a usar o comprimento de onda incorreto”; uma onda muito grande chamada “ação”.

Nós olhamos para este tremendo fenómeno eléctrico que envolve o ser e vemos que as figuras de imagem mental são elas próprias feitas de energia. Elas *não* são algo imaginário. Imaginário significa “não-energia, não-real, não-existente, possivelmente não poderia ser maneado”. O uso da palavra imaginário é uma má operação de controle. Se fosse o caso, então tudo o que nós vemos seria imaginário; as paredes, o chão, tetos e todos os corpos que passam na rua.

Praticamente podemos produzir o mesmo fenómeno com um ridge explodindo com qualquer corrente eléctrica ou vários tipos de eletricidade duma ou de outra espécie. O engenheiro electrónico pode produzir esta reacção muito facilmente com condensadores e resistências, mas as suas ideias sobre condensadores são também muito estranhas. Ele pensa que se continuarmos a meter eletricidade num condensador até ficar cheio, ele por fim se descarregará duma maneira ou de outra. Bom, nós não sabemos se um thetan tem esta capacidade ou não, mas sabemos que ele tem alguns fenómenos eléctricos estranhos que não fazem qualquer diferença do fenómeno eléctrico da vida. Isto não é estranho para um thetan pois ele é, no fim de contas, parte integrante do universo mest e os fenómenos eléctricos que vemos à nossa volta foram provavelmente gerados pela vida uma vez por outra. A corrente que está a passar neste gravador neste momento foi convertida ou gerada por alguma forma de vida no passado. Ela provavelmente vem do carvão, é energia armazenada, convertida ou gerada por formas de vida; as árvores.

No momento em que um thetan começa a manejar energia ele vai de encontro a todos os fenómenos eléctricos senão não teria necessidade de comer ou de dormir. Porque isto se aplica à mente ninguém apanha choque. Se não se aplicasse à mente seria um tremendo disparate. Se isto tem algo a ver com energia então existem leis às quais a energia obedece e os fluxos não são exceção.

Outros fenómenos eléctricos contêm engramas. Cada experiência da vida é representada por um quadro de imagem mental de uma ou de outra espécie a qual contém energia *real*, a qual tem um potencial *real* e a qual é mensurável em termos de corrente. Os aparelhos de medida que medem corrente, medem o potencial nestes fac-símiles.

Por sorte eles têm massa. Podemos remediar a havingness duma pessoa com estas imagens. Mandando um indivíduo fazer mock-ups de coisas e depois empurrá-las para dentro, podemos aumentar o peso do corpo. Existem muitas experiências que contêm em si mesmo, e isto é o que faz confusão, catástrofes eléctricas. Podemos ter imagens de catástrofes que, quando percorridas, nos dão uma repetição de uma catástrofe.

Nós podemos produzir toda a espécie de fenómenos eléctricos que afetam os seres. As pessoas nem sonham de quantas maneiras um ser poderia ser influenciado por fenómenos eléctricos. Quase poderíamos dizer que é a coisa que mais se aproxima duma infinidade. Elas são inúmeras e todas obedecem à mesmas leis. Se elas operam desta maneira e se as leis são boas, então, em processamento podemos obter a obediência deste fenómeno. Um dos fenómenos é o fluxo preso do controle. As pessoas habitualmente controlam outras coisas com energia e não por postulado o que seria ideal. Elas controlam obsessivamente e um dia controlam um pouco mais com energia e então decidem que não podem controlar

mais nada. Não existe outra razão a não ser os fenómenos elétricos. Não existe, “Bom eu não consegui controlá-lo vezes demais por isso acho que nunca mais conseguirei controlá-lo”. Só que eles tiveram que tentar no duro e tiveram que emanar demasiado, trabalharam no duro empurrando demais numa direção e criaram um fluxo preso. Praticamente todos os fluxos visam o controlo e a anatomia do controlo é *começar, mudar* e parar. Começar, mudar e parar coisas transformam-se então em fluxos presos.

Uma das coisas que nós fazemos é reforçar este fluxo preso de controle. O thetan andou pelo universo sempre a controlar coisas e poucas coisas o controlaram a ele. Ele tem uma tendência para estampar em si mesmo essas ocasiões em que foi controlado quer se tratasse de bom ou mau controle. Daqui os vários fenómenos como os Facs de Serviço que encontram a sua residência básica nesse facto preciso.

A ideia de treinar pessoas até elas desenvolverem respostas automáticas como nas forças da ordem, praticamente saturou o universo. Eles jamais treinam alguém pois eles nem sequer fazem ideia de quem é que o homem é. A ideia geral de treino está completamente errada porque eles pensam que, se conseguirem alguma espécie de automatismo a funcionar no banco, como um boneco, ele pode daí em diante conduzir carros e tanques. Toda a gente pensa que funciona sendo por isso a meta da educação. “Não aplicar, mas apenas memorizar os dados apresentados mesmo que não saibamos precisamente onde encaixá-los dentro do nosso quadro de referências”.

Agora, chega um auditor e começa a controlar o sujeito com audição Tom 40, tal como “*dá-me essa mão*”. Pouco tempo depois o preclaro diz:” não sei se essa coisa se dirige a mim. Será que algo disto se dirige a mim? Primeiro que tudo eles não me estão a pedir para armazenar nada disto no banco. Pelo contrário. Supõe-se que devo fazer isto sempre. Eu? O sujeito quer mesmo dizer eu porque eu não vejo mais nada à minha volta que lhe possa dar a minha mão. Bem, se o fizer bastantes vezes talvez vá instalar uma máquina que lhe dê a minha mão”. Então isto torna-se simples duplicação e a duplicação pode arruinar qualquer máquina por completo. Uma coisa que a maquinaria mental não pode fazer é duplicar com exatidão. Só um thetan consegue duplicar. Ele é o único ser que aguenta o stress e a tensão que isso provoca. Assim a duplicação entra aqui com controlo pesado e ele verifica que deve ser ele quem está a ser controlado. Assim ele resolve-o e obtém um fluxo inverso de controle, coisa em que tudo isto consiste. Ele descobre que não advém daí grandes consequências e fica disposto a controlar algo e é isto, mais ou menos, uma explicação crua de como o controlo funciona quando usado em audição.

Examinámos isto com muito cuidado e verificámos que o controlo é sénior à energia. A energia está ao serviço do controlo e não é o objetivo final do controle, podendo, contudo, ser tida como tal. Energia é energia e se ela apenas andasse por aí a flutuar sem fazer nada, sobreviria o caos, isto é, não teria direção.

Se tomarmos esta ideia de fluxos de energia como único método pelo qual qualquer coisa pode ser controlada, estamos metidos em sarilhos. É este o ponto de sucesso/fracasso duma vida. É essa a razão por que engenheiros eletrónicos passam um mau bocado. O uso demasiado e por muito tempo do controlo de coisas com energia que eles próprios nem sequer conseguem ver, provoca este fluxo preso o qual por fim se deteriora na incapacidade de controlar e força-os a métodos ainda mais rudimentares.

Temos um estrato acima de energia. Existe uma coisa que se chama controlo por postulado. Existe também uma coisa que é massa sem energia ou massa sem campos. Pode existir uma massa sem nenhuma energia e não é verdade que aquela parede seja composta por pequenas coisas que se agitam. Ela não é composta de espaço com a ideia de pequenas partículas. Não cometamos o erro de dizer que uma massa não tem massa. Isso é no que a física se meteu e está lá dentro tão profundamente que nunca mais se desenterra. Quando a física avançou disseram que a massa não tinha massa e mistificaram imenso à volta disso.

Esse é um postulado invertido. Está bem dizer que não existe ali nada, que existe ali algo e observá-lo. Agora existindo algo ali e dizermos que não está lá nada sem o desvanecer, estamos a metermos num sarilho porque estamos a dizer uma mentira. Vamos lá ver o is-ness como deve ser. O universo é real. Se andarmos por aí a dizer que ele é real tornar-se-á menos ofensivo para nós, mas se andarmos às voltas com o segundo postulado

e, enquanto que temos a convicção de que é, dissermos que não é, fazemos o seu not-is e tornamo-lo num caso “qual parede” o que é o mais baixo que pode haver.

Aquilo que faz alguma coisa não é a coisa feita e porque nós podemos fazer energia não significa que sejamos energia. Porque a parede ao nosso lado pode produzir campos elétricos quando devidamente tratada, não significa que ela seja um campo elétrico. Por outras palavras, aquela parede além é e nem pensar que não é. Se o corpo vai contra ela, bum. Como resultado disto temos que admitir dois is-nesses. O is-ness do corpo e o is-ness da parede e alguém com maior sensibilidade do que outros admitiriam um terceiro - o bum.

Podemos variar, alterar e fazer toda a espécie de coisas tais como mudar o mest e a eletricidade, mas quando dizemos que não é metemo-nos num sarilho e começamos a ficar cegos. Esta é na verdade a única razão por que o 8-C e outros processos são tão bons. Nós só mandamos o preclaro andar por aí e dizer “É. É. É.” e tudo fica brilhante e sujeito a ficar mais sólido, mais forte e mais massivo. Este é o controlo básico deste universo. É. Nós controlamos algo mantendo a sua existência. Basta manter a existência de alguma coisa para a controlar.

Então o controlo entra até na criação. Criar e controlar são vizinhos um do outro. Se um Indivíduo não pode sofrer controlo sobre si próprio, a sua capacidade de criar está condenada. Ele pode criar freneticamente, mas isso não quer dizer que o continue a fazer por muito tempo. Ele vai parar ao tal fluxo preso. Se criar com postulados e não com fluxos de energia então pode continuar para sempre.

O truque número um usado neste universo para controlar um thetan é levá-lo a postular que ele pode ser danificado. É preciso fazê-lo conceber que ele é energia e que a energia pode ser danificada, pelo que lhe é provado que ele pode ser danificado. Só se pode danificar completa e grandemente uma pessoa, fazendo esta identificação entre um espírito e energia ou massa.

Qualquer psicoterapia ou prática religiosa e filosófica ou atividade envolvendo a mente, está condenada ao fracasso e não funcionará nem poderá funcionar se for baseada na premissa de que o homem é massa. A única razão por que a Cientologia funciona é porque ela o desengana deste facto. Ela dirige-se ao ser e se nós fôssemos por aí consertar corpos, a pensar que o homem é um corpo feito de neurónios. automatismos, etc., dizíamos logo que não podia funcionar porque se estava a usar e a confirmar esta identificação.

Esta é a má identificação básica necessária para danificar um thetan ou pô-lo em baixo na escala. É só convencê-lo de que ele é massa, energia e pode ser danificado e temos os alicerces duma sociedade escrava.

O thetan que está convencido que é uma cadeira, está provado que pode ser danificado. Mas um thetan não pode ser danificado. O que temos que fazer é dissociar a ideia de que um thetan é energia e temos ali 99% do seu caso. As pessoas controlam tanta energia que, por fim chegam a acreditar que seria melhor obedecer às leis da energia e assim ficam presos na energia. Então eles pensam que são energia e se eles produzem alguma coisa eles são a coisa.

Esta situação vai por fim dar a um fluxo preso e assim que o processamos a ele, não uma massa de energia, ele começa a desligar-se de toda esta energia sem realmente destruir a sua havingness. não se pode ferir a sua havingness. É apenas mais uma ideia que ele achou. A havingness funciona porque exercita a sua ligação com a energia. Isso fá-lo responsável até que esgote todo um punhado de postulados e então se sinta melhor.

Então isto é uma proporção direta. Teríamos que convencer um thetan de que ele é energia antes de o podermos danificar. Muitas vezes estabelece um postulado segundo o qual ele pode ser danificado a fim de, por exemplo, danificar outro thetan. Alguém disse: “de boas intenções está o inferno cheio”, mas na verdade está cheio de estabelecer exemplos. Nós dizemos: “Olha o que me fizeste seu bruto. Chacinaste-me”. E ele diz: “O QUÊ! Um ser vivo pode ser chacinado? Essa é nova”, e lá vai ele preocupado com isto. Nós recuperamos e dizemos: “Imagina, apanhei aquele tipo”. Então um dia procedemos assim com tanta frequência que nos esquecemos de o apanhar e vamos de encontro a muitos outros que nos convenceram. Este é justamente o método de entrar em acordo.

Daqui, casos em baixo na escala, dificuldade em processamento, todas estas coisas que provêm destes postulados catastróficos e atividades que podem ou não ser diretamente alcançadas pelo auditor. Com certeza que podem ser atacadas numa escala gradativa. Se pudessem ser alcançadas com facilidade teríamos um clear instantâneo.

“Eu sou energia, a energia pode ser danificada, eu posso ser danificado” é apenas na verdade um canal necessário à criação de uma sociedade escrava bem sólida. Um tipo que é energia não pode sair dum crânio e tem, até certo ponto, que se conceber a si mesmo com sendo o conteúdo desse crânio quando lhe dizemos para exteriorizar. Ele está a tentar empurrar o cérebro para fora do crânio ou algo no género quando nós dizemos: “fica um metro atrás da tua cabeça”. Isto é penoso e dá-lhe dores de cabeça.

Um thetan não poderia ser danificado. As suas capacidades não poderiam ser inferiores. Já demonstrámos que é impossível reduzir uma capacidade. O que se pode fazer é quase só reduzir a sua existência ou a disposição para a exercer.

A resposta a tudo isto é lembrar e ter sempre em mente que estamos a processar o thetan e NÃO uma massa de energia ou algo sólido. Só assim pode ocorrer mudança.

Um thetan planeou ordens seniores e no topo delas está surpresa. Eu posso fazer perder o controlo a qualquer pessoa e na verdade pôr o corpo a fazer acrobacias loucas somente percorrendo um processo que não é um processo, mas que é dirigido a surpresa. “Imagina alguém e com surpresa. Pomo-lo a fazer isto umas poucas de vezes e ele dirá: “Agora estou a sentir-me nervoso” e o que como auditores veremos a seguir é que ele larga todas as defesas sobre surpresa e toda a surpresa que estava mais ou menos em automático entra em completa reestimulação e ele começa a fazer acrobacias por todo o lado.

A surpresa é um dos métodos pelo qual a energia poderia ser danificada porque um thetan tem isso associado a um choque e ele tem toda a espécie de mecanismos interessantes calculados. Mas, para isso termos que ter os seguintes mecanismos básicos: um, que podemos ser danificados, e dois, que ele é energia.

O Cristianismo, por exemplo, falhou nisto. Embora eles se dirigissem ao espírito muito largamente, eles introduziram na verdade este mecanismo chamado inferno. De início havia sete infernos e estes vários infernos eram todos lugares onde o thetan podia ser danificado. Fizaram isto numa forma muito interessante. Eles disseram “a tua alma” o que, claro, fez a operação “tu és energia”.

Foram introduzidos a punição e o dano. Isto não foi nem de perto nem de longe uma operação tão má como esta confusão da psicologia dialética materialista que herdámos nos nestes tempos modernos. A ciência prossegue na base de “o homem é energia - o homem é matéria”. Pelo menos as práticas cristãs deram-lhe uma via. Elas ainda têm presente algum espírito na sua concepção do homem.

Eu estou mais ou menos inclinado a acreditar nalguns dos milagres que ocorreram no princípio do Críandade apesar de várias igrejas Cristãs que agora oferecem grandes prémios a quem possa provar que alguma vez ocorreu algum. Se fôssemos convencer alguém de que ele é um espírito, de que ele não “tem” uma alma, mas que ele “é” uma alma e mais nada, estaríamos sujeitos a fazer um milagre. Ele passaria de ser energia e de ser danificado para ser ele mesmo.

Assim temos no controlo do espírito o mais alto botão de controlo ou processamento. O controlo do espírito seria bastante direto sem disparates ou montes de vias como os curandeiros.

Nós chegámos a um ponto em que podemos fazer isto diretamente. Nós podemos controlar um espírito. No momento em que o próprio preclaro vê que ele é controlo e que não é energia, que pode receber controle, comunicar e responder-lhe, certamente sairá do pântano.

O Tom 40 funciona bem para algumas pessoas e bastante pobremente para outras. Isso tem muito a ver com os objetivos do auditor e a sua compreensão do que ele está a tentar fazer com aquele processo. Mas nós somos provavelmente os primeiros - e isto não inclui mesmo o Budismo - a abertamente dirigir-nos a este problema muito diretamente sem superstição nem disparates.

O controle direto do espírito é o nosso objetivo direto e quando uma pessoa pode ser controlada então ele pode controlar e quando ele vê que está envolvido um fluxo de duas vias, ele tem a situação bem na mão.



## O TRIÂNGULO DE ARC E CCH

*(Editado a partir da palestra de LRH Nº 2 do 18º ACC Washington D. C.)*

O triângulo ARC vem a seguir à nossa mais antiga propriedade em Cientologia. A mais antiga é o banco, o engrama, e o quadro de imagem mental. Muito recentemente este quase esquecido triângulo fez uma tremenda ressurreição só que desta vez temo-lo como controle, havingness e comunicação.

Afinidade, Realidade e Comunicação são uma descrição excelente das três coisas básicas sobre as quais o universo está construído, sem as quais, em equilíbrio, a vida não poderia existir.

A AFINIDADE que é uma consideração emocional ou sentido de proximidade, é basicamente uma consideração de distância, mas é aquela consideração que diz que gostamos ou que não gostamos. Por outras palavras, sem algum gostar ou desgostar com coisas a evitar ou a aproximar, não haveria qualquer jogo.

A REALIDADE é aquela sequência que começa com postulados e acaba com massa, a qual nós originalmente definimos como uma coisa concordada. A realidade é a aparência concordada da existência, conforme os axiomas.

A COMUNICAÇÃO é um intercâmbio de ideias entre dois seres que estão conscientes de que a outra pessoa está presente. Tivemos que introduzir esta nova simplicidade, a ideia radical de que um ser poderia falar com outro ser e que um intercâmbio de ideias poderia ter lugar conforme definido no Axioma 28 e descrito em Dianética 1955 - o manual da comunicação.

Se repararmos um intercâmbio de ideias não é muito fazível se não existir acordo de uma ou de outra espécie. O acordo pode tomar o aspeto de uma massa para a qual falar e assim termos uma via de comunicação. Pelo menos sabemos para o que estamos a falar se algo ali se encontrar - e isso é realidade. Claro que nós podemos simplesmente postular que esse algo está ali e falar para ele.

Falar para algo é melhor do que para nada. Quando dois seres estão a falar um para o outro aqui na Terra, normalmente vemos como é estranho que aqueles seres ali, não se confrontem um ao outro e não falem, mas montes de palavras vão de um lado para o outro. A parte da realidade desse intercâmbio seria a massa, a plataforma, quer se trate da Terra ou do passeio no qual as pessoas se encontram. O espaço, no que respeita a localização entra nisto. Eles estão localizados algures, por isso sabemos para onde vai a comunicação e quem a receber sabe para onde enviar a resposta - uma parte da comunicação muito necessária.

Então temos o fator afinidade. A que distância tem um tipo que estar para falar connosco? A afinidade é mais do que isso. Afinidade é gostar e desgostar. A compreensão requer afinidade, realidade e comunicação e se qualquer dos ângulos do triângulo ARC for reduzido os outros dois reduzem-se de acordo com ele.

Nós sabemos que a realidade é basicamente um acordo e contamos hoje com a Escala de Realidade. Sempre soubemos que tudo o que tínhamos que fazer era introduzir algum acordo na situação. Tínhamos que estar de acordo pelo menos sobre o que estávamos a falar para podermos falar. Não existe comunicação em progresso se não existir acordo sobre qualquer coisa. Teríamos que ter estabelecido a existência de uma outra pessoa antes da comunicação poder ocorrer.

A comunicação ocorre simplesmente pelo R e um pouco de A, quando duas pessoas estão juntas.

A afinidade necessita de um controlo de atenção. Nós tivemos um grande número de processos baseados em ARC e, em si mesmo, eles não produziram resultados extraordinários. Eles produziram bons resultados, mas não vimos ninguém sair da sepultura e sacudir o pó do chapéu.

Deve existir alguma contrapartida ao ARC que seja mais funcional do que o ARC uma vez que se nós sabemos que ele é verdade então como é que nós (e isso são considerações básicas) o fazemos funcionar neste universo, neste planeta, neste momento? Nós sabemos que as três coisas redundam em compreensão. Como é que colocamos isto no nível de processamento?

Em primeiro lugar temos que nos consciencializar da cegueira quando a observamos. Temos que nos consciencializar que o Sul está a uma distância pavorosa a Sul e a entrada básica do triângulo ARC cede ao controlo de A ao que os corpos e a GE respondem lindamente. Por isso, qualquer preclaro responderá a isso qualquer que seja o nível de tom se o processarmos via um corpo, porque esta é a compreensão do corpo. Ele é sólido. Por isso A é controle.

Aparece um tipo que diz: “endireita-te. Joelhos juntos. Barriga para dentro” e ele dirá: “este tipo gosta de mim”. Poderíamos dizer isto de outra maneira. Poderíamos dizer: “maldito sargento. Eu mato-o”, o que ao nível da GE quer dizer “gosto muito dele”

Assim temos havingness ou massa sólida no lugar da realidade e verbalização no lugar da comunicação. Por isso compreensão toma lugar em termos de controle, massa e comunicação.

A compreensão mest toma sempre lugar num quadro de massa e sua localização, intercâmbios verbalizados ou elétricos ou vibratórios, e para a afinidade, o controle. Se não gostássemos de outrem a nível de massa, simplesmente nos recusaríamos a controlá-lo. A escolha de que falo é controlar ou não controlar.

Infelizmente onde existem pessoas firmemente ligadas a massa e é esse o nível de intercâmbio. Se as pessoas andam para aí em corpos, então é este o nível a que os casos respondem.

Não me entendam mal. Não estou aqui a tentar dar novo fraseado ou refazer o triângulo ARC. Estou simplesmente a falar-lhes do nível de ação do triângulo ARC quando ele está em ação ou nós vamos trabalhar ao nível mest. A torna-se controlo ou falta dele. O R torna-se massa e a sua localização ou falta dela pois as queixas são por de falta de massa e C é alguma espécie de intercâmbio de uma partícula elétrica vibratória, símbolos voando de um lado para o outro e assim por diante - sólido.

Se começarmos a dar direção a mais neste nível que é muito baixo, arriscamo-nos a fazer voar a massa. Um thetan aprende-o. Ele sempre perde um pedaço favorito de banco ou fac-símile de serviço. Ele disse ao tipo exatamente o que queria dizer, diretamente, sem vias e viu-se ele próprio atacado. Ele estava a tentar comunicar diretamente num nível mest e atirou fora algumas partículas sem a mais pequena via e provocou uma explosão. É preciso ter intenção. Tem que haver alguma vivência ligada a isso. Por outras palavras, é preciso subir a escala para o fazer funcionar otimamente.

As pessoas que estão no ponto mais baixo de controlo não querem massa e não podem ter comunicação a qual se torna em “alguém o dirá por mim”. Neste nível, quando são levadas a emanar um controle, uma comunicação absolutamente direta e reta, as pessoas descobrem algo fantástico. Para realizar isto elas têm que subir na escala ou então esfarrapam-se todos para o fazer. Depois de ficarem todos rotos algumas vezes, tocam numa banda de tom mais alta. Eles dizem: “O meu lugar é aqui em cima. O que é que estou aqui a fazer a escavar no mest?” Isto é o que um indivíduo basicamente compreende quando começa a fazer os exercícios de treino mais recentes.

Para que o ARC se torne extremamente funcional tem que ser monitorizado quando estamos a lidar com massas em termos de controle, havingness e comunicação. Nós temos dito CCH o que quer dizer controlo comunicação, e havingness ou comunicação, controlo e havingness e alinhámo-lo para que se visse logo que esta é a outra face da moeda ARC.

Seguimos o ARC pela escala abaixo segundo o Mapa Hubbard de Avaliação Humana em “Ciência da Sobrevivência” e ao descer encontraremos uma área abaixo da linha final do mapa. Isso tem a ver com massa. Por outras palavras, para envolver toda esta matéria as únicas respostas ainda existentes no fundo do mapa podem ser fraseadas em termos de controle, havingness e comunicação. Essas respostas não desaparecem inteiramente como

menção no mapa, mas tornam-se grosseiras e massivas e não desaparecem inteiramente.

Se a vida pode ser despertada para o presente ela pode ser despertada para uma presença ou localização pelo controle, havingness e comunicação, manejado de uma maneira ou de outra. O primeiro processo de CCH é muito antigo e dificilmente alguém reconheceu os seus antecedentes. Eu processei um gato até que ele comeu um editor. Eu processei este gato por aí acima ao ponto de atacar os meus dedos. Era um gato muito tímido e eu levei-o a procurar alcançar os meus dedos e cada vez que ele os alcançava eu afastava-os ligeiramente. Alcançou-os mais e ficou cada vez mais feroz. Então eu convidei um editor e ele comeu-o. Isto é um exagero, mas ele comeu o thetan do editor arranhando o homem com a sua ferocidade.

Apenas convidando o gato a alcançar, não importa quão timidamente, e a atacar os dedos, gradualmente, para não o espantar ou surpreender, retirando os dedos, levamos o gato a emanar uma linha de comunicação. As linhas são sólidas no fundo da Escala de Realidade assim estamos mesmo na realidade do gato. O gato não pode ter massa, está abaixo de massa e está na verdade a tentar antagonicamente a tentar ligar uma linha de comunicação sólida. Assim que o gato alcança mesmo.

“*Dá-me essa mão*” é apenas o processamento do gato. Nós dizemos “*dá-me essa mão*”. O preclaro não o faz e nós vamos lá pegamos-lhe no pulso, tomamos a mão e agradecemos-lhe por a ter dado. Pouco tempo depois disto ele diz: “Sabes, existe uma vaga possibilidade que eu tenha tido algo a ver com isso. Estou a pensar que talvez possa chegar ao teu colo”. Quando ele descobre que pode fazê-lo atingimos a meta porque o levámos a alcançar o ambiente, num estilo 8-C. Feito isto, como auditores é melhor levá-lo a alcançar o ambiente em termos de barreiras. Temos apenas linhas reconhecidas e ele tem que ser deslocado para cima e para fora de barreiras. Assim temos o 8-C nas paredes. Quando o levamos acima disso pomo-lo de novo nas linhas e temos a Mímica de Mãos no Espaço. Levamo-lo a localizar a massa do auditor.

O preclaro não pode desobedecer a estes comandos. Não existe pensamento envolvido porque não existe qualquer pensamento nesse nível e se processarmos algum é figure-figure.

Isto é no que ARC se torna depois de muito tempo. Um indivíduo torna-se um corpo. Ele concorda que não é mais nada senão um corpo. As pessoas não são nada mais do que corpos e os corpos também estão mortos.

Um corpo é massa e a coisa mais real que pode haver para um corpo é controlo absoluto. Se uma pessoa teve um corpo então o controlo seria afinidade. Se ele pudesse controlar uma coisa ele gostaria dessa coisa.

Um indivíduo que descobre que o controlo não o está a matar, começa a gostar do auditor. Trata-se de um estabelecimento dum nível de realidade e de afinidade que a esse nível de realidade é controle. *Sobe* e não desce na escala. Aplicamos-lhe bom controlo tom 40 e virá pela escala acima até ter massa.

Vamos dar uma vista de olhos ao que isto provoca na comunicação. O indivíduo, claro, está disposto a falar. Ele também está disposto a receber objetos e a dar objetos podendo assim ocorrer intercâmbio. Nós estamos a olhar para o ARC em que a compreensão toma lugar apenas na presença de controle, havingness e comunicação num nível mest.

Este é o nível ao qual máquinas de natureza mest, automóveis etc., têm que ser acionadas. Um indivíduo que não pode controlar adequadamente o seu carro, não gosta do seu carro. o que é que ele quer dizer por “gostar”? Uma emoção? Não, ele quer dizer controlar. É tão sólido e mest como isso.

A gente põe-se a pensar por que razão alguns casais não se dão bem apesar de ela aparentemente fazer tudo o que ele diz. Quando um auditor decide que ele vai tirá-la debaixo da pata do seu marido (ou vice-versa) ou limpar esta clausura de terminais ele vai descobrir que parece existir algum sentimento de um pelo outro. O que se passa é sempre apenas controle. Estamos aqui a olhar para a situação em que controlo é afinidade. Eles

expressam a sua afinidade um pelo outro batendo-se um ao outro, tentando ganhar controle um pelo outro brigando. Abaixo desse nível está a fazer amor.

Muito podemos compreender olhando simplesmente para o que a compreensão é ao nível de massa. Ela é controle, controlar e ser controlado. Isso é compreensão.

A psicose é algo concebido para não poder ser manejado. Os psicóticos estão sempre a tentar fazer de conta que a sua massa não existe. Eles conceberam uma impossibilidade de manejo.

Os que estão abaixo de 2.0 na Escala de Tom concebem coisas que não podem ser manejadas e os que estão acima de 2.0 concebem coisas, quando o fazem, que podem ser ou simplesmente tentam manejar qualquer coisa. Existe assim uma linha divisória neste controle. Os que estão abaixo de 2.0 concebem por rotina coisas que não podem ser manejadas e depois gabam-se disso.

Essa gente está muito mais abaixo na escala do que pensamos. Nós dizemos acima e abaixo de 2.0 pelo que parece haver uma linha definida. É quase como se estivéssemos a falar de diferentes universos. Quando certos indivíduos andam para aí sempre a conceber coisas que não podem ser manejadas e a gabar-se disso, dão água pela barba ao auditor. Eles estão só a desafiar o auditor para que os maneje. Começamos a serrar presunto com “dá-me essa mão” e eles dizem: “isto não pode ser manejado”. Eles continuam a oferecer coisas que não podem ser manejadas. Esta gente nunca tem realmente sucesso com nada. Eles são terrivelmente destrutivos. Fazem Q&A com o mest e transformaram-se em mest. Eles fazem o mesmo que o mest.

Aqui entramos com a nossa compreensão da vida reparando que existem por aí pessoas que não têm o mais pequeno desejo de manejar coisa alguma. Toda a gente tem algo nesta vida que não pensa poder ser manejado ou pensa não poder manejar, mas esta gente anda sempre só a imaginá-lo. Pessoas ou preclaros que nos deram água pela barba, só fizeram isto. Nós curamo-los de uma coisa e eles inventam outra que não possamos manejar. O jogo deles é apenas evitar o controle. Mas eles sabem como controlar as outras pessoas. Isso é o *Fac-símile de Serviço*, que é impossível de manejar e a estes maneja-mo-los não lhes permitindo usar o *Fac-símile de Serviço* o qual é suficientemente reativo para qualquer banco reativo.

Podemos assim grosso modo dividir a humanidade acima de 2,0 e abaixo de 2.0 na escala de tom. Alguns deles imaginam coisas que podem ser manejadas e tentam manejar outras. Estes são aqueles que mantêm o mundo em movimento. Eles não fazem relógios e não podem ser fixados. Os restantes continuam simplesmente a imaginar coisas que não podem ser manejadas e todos os médicos, todos os práticos de qualquer espécie, estão sempre a ser confrontados com esta gente porque este é o desafio.

O ARC torna-se controle, havingness e comunicação. Podemos ver que controle, havingness e comunicação não são o fundo porque eles se invertem em nenhum controlo possível de nenhuma espécie. “Isto é o “não posso manejá-lo”. Nenhuma massa é admissível ou visível e nenhuma comunicação de nenhuma espécie é aceitável. Por isso nenhuma compreensão é possível.

Nós descobrimos o degrau que resolve a inversão. Assim como podemos subir a comunicação de qualquer pessoa subindo a sua afinidade e realidade, podemos subir a afinidade subindo a sua realidade e comunicação, também podemos fazer estas coisas lá no fundo. Podemos remediar o controle, a incapacidade de manejar etc., na sua vida e vizinhança simplesmente remediando a sua havingness. Podemos fazer isto falando para ele ou usando controlo apertado e podemos remediar a sua falta de massa usando controlo e comunicação. Veremos que a sua havingness aumenta. Algumas considerações estranhas e muito complicadas sobre havingness estão atravessadas no caminho de tudo isto, mas elas se desvanecerão em cognições que ele provavelmente nunca mencionará, mas ele ressurgirá no CCH.

Se uma pessoa foi identificada ou ligada com massa, está em excelentes condições quando está no CCH. Por isso o CCH é muito alto, contudo ele maneja todas as inversões de CCH e todo esse estrato misterioso, o substrato mais baixo do triângulo ARC é posto à mostra e torna-se funcional nas mãos do auditor.

O controlo por si mesmo nivelará todas as inversões mais baixas em matéria de controle, havingness e comunicação. A comunicação correta por si só fará algo pela havingness e controle. A mímica das mãos no espaço é uma linha sólida. Eventualmente eles terão um auditor.

“Não pode ter” nos outros e “ter” no próprio, ou os três passos do trio ou do trio de controlo percorridos numa pessoa, duma ou de outra forma, também é um processo de comunicação. Se percorrermos *“refere-me alguma coisa que a tua mãe não pode ter”* e recebermos uma resposta direta, a havingness do preclaro sobe assim como a sua capacidade para controlar bem como a sua capacidade para comunicar. Podemos pegar no CCH por um dos seus cantos e apanhar os outros dois em certa medida, pois ele permite ao auditor dirigir-se diretamente ao corpo alguma coisa tendo provocado à pessoa.

O CCH então deve ser visto como os fatores funcionais na parte mais baixa da escala da massa. O CCH é um procedimento bastante alto, mas também é a descrição de todos os níveis baixos, as harmónicas que são processadas pelo CCH direto.

## COMEÇAR - MUDAR - PARAR

(Conforme 1956\*)

Começar, mudar e para são a anatomia do controle. Isto é um ciclo de ação - criar, sobreviver, destruir. Há continuidade (persistência) no meio da curva e outros ciclos com ciclos de ação, mas os fatores importantes são Começar, Mudar e Parar.

Percorrer Começar, Mudar e Parar num indivíduo faz surgir uma maior autodeterminação.

O autodeterminação no campo do movimento consiste, pelo seu próprio poder de escolha, em permitir que o objeto ou corpo esteja parado ou não esteja parado; em permitir que uma coisa seja mudada ou não seja mudada; em permitir que uma coisa seja posta a andar ou não seja posta a andar, e ele tem que ser reabilitado no preclaro. Por outras palavras, a autodeterminação consiste aqui em devolver ao preclaro o seu poder de escolha sobre controlar ou não controlar à sua vontade. O preclaro que está a controlar obcecadamente, mais tarde ou mais cedo deixará de controlar sendo então controlado por alguma coisa. Veremos que a obsessão para controlar, para começar, para mudar, para parar, entra no Triângulo ARC\* e é o que deprime o preclaro para baixo na Escala de Tom.

Estas três partes do controlo são aplanadas individualmente, por esta ordem: aplanamos *mudar* e depois aplanamos de novo muito bem *começar* e depois aplanamos *parar*. Seria um erro dizer, neste ponto, que este processo está terminado pela excelente razão de que se percorrêssemos *mudar* outra vez encontraríamos mais considerações do preclaro a mudar e se depois percorrêssemos *começar*, veríamos que ele não estava aplanado. Assim percorríamos de novo e aplanávamos *parar*.

Não é possível dizer quanto tempo temos que percorrer todo o processo. Para alguém que é só maquinaria e que nunca tinha estado em sessão, este seria um processo violento. Num caso que está em boas condições, isto correria mais facilmente. O resultado final deste processo é exteriorização. Para alguém que esteja compulsivamente exteriorizado, isto seria excelente pois ele deslizaria para dentro da cabeça e por fim voltava cá para fora, mas não compulsivamente.

Em audição deparamos com três condições. O preclaro que está compulsivamente interiorizado, o preclaro que está compulsivamente exteriorizado e o preclaro que está espalhado por todo o universo. O último caso percorrido no S-C-S acumularia grandemente a capacidade de se reunir a si mesmo. Isto não deveria ocorrer antes de o percorrer cinco ou mais horas nisto.

Se este processo for suficientemente percorrido o preclaro virá a mover o corpo por postulado, isto é, do exterior e não por meio de raios, estímulo resposta, etc.

Este processo não vai mesmo até lá cima por causa da amplitude da atenção do preclaro. A maior parte dos preclaros não conseguem estar num processo mais que uns poucos momentos, por isso variamos o processo um pouco a fim de o manter interessado. A sua resposta de facto, não é, contudo, importante desde que *ele* o execute.

Mau controlo é coisa que não existe, apenas controlo não positivo existe. Bom controlo é controlo positivo e controlo positivo não é mau controle.

Temos ali um nível abaixo do movimento do corpo. Seria ele S-C-S num objeto. É sempre mais seguro percorrê-lo numa pessoa que estamos a experimentar ou que não pode mover um inválido. Para quem não tem realidade do seu corpo percorríamos S-C-S num objeto em vez do corpo.

---

\* Referir a “procedimento de aclaramento” por L. Ron Hubbard.

Ao percorrer este processo o auditor e o preclaro devem andar em pé. Isto dá realidade e o auditor, duplicando o preclaro (mímica), trará mais ARC. A sessão falha sempre quando o auditor está sentado ao percorrer S-C-S.

O processo corre da seguinte forma:

O auditor aponta para um ponto no chão e diz ao preclaro: *“Vês aquele ponto ali? Ótimo. Vamos chamar-lhe Ponto A. Agora ficas aqui. O.K.* O auditor agora indica outro ponto e diz: *“Vês aquele outro ponto ali? Ótimo. Chamamos-lhe Ponto B. Muito bem. Agora, quando eu disser para mudares a posição do corpo quero que TU o movas do Ponto A para o Ponto B. Está bem? Ótimo. Muda a posição do corpo”.* *“Ótimo”.* Depois o auditor diz: *“Vês aquele ponto ali? Ótimo. Vamos chamar-lhe Ponto C. (Usamos três pontos para não o metermos num processo de duplicação) Agora, quando eu disser para mudares a posição do corpo quero que TU o movas do Ponto B para o Ponto C. Compreendeste? Ótimo. Muda a posição do corpo”.*

Podemos perguntar-lhe, “TU mudaste a posição do corpo?” se o seu caso não for muito baixo pois isto não é aconselhável ao princípio em casos baixos.

Depois voltamos ao ponto A. Não tem que ser sempre o mesmo ponto A pois isso torna o processo muito duplicador levando preclaro a prevê-lo demasiado facilmente mecanizando-o.

Cada vez que contactamos o preclaro damos-lhe o comando num novo intervalo de tempo. Não dependemos da compreensão prévia do comando. Aclaramo-lo e damo-lo sempre completo cada vez que o usamos. Fazemos cada movimento no tempo do novo movimento. Ele não tem que depender da memória por isso o auditor repete o fraseado completo conforme dado. Este é um aspeto da maior importância no percurso de qualquer parte do S-C-S.

Em começar damos ênfase a COMEÇAR. O auditor diz: *“Vês aquela parede além? Ótimo. Quando te der este comando quero que movas o corpo na direção daquela parede. Quando eu disser ‘começa’ quero que TU ponhas o corpo a andar. Muito bem. Começa. Ótimo”.*

O preclaro pode protestar porque teve que parar e também mudar o corpo. O que se está aqui a passar é que a palavra ‘controle’ começa a desagregar-se\* e à medida que separamos começar, mudar e parar e os distinguimos uns dos outros, a capacidade do indivíduo para controlar o corpo aumenta e ele ganha maior confiança em ser capaz de controlá-lo de cada vez mais distância.

O próximo comando seria: *“Muito bem, quando te disser para pões o corpo a andar TU pões o corpo a andar, O.K.? Põe o corpo a andar”.*

O terceiro comando é para PARAR, e o auditor diz: *“Vou pedir-te para pões o corpo a andar em direção aquela parede (indicada) e a certa altura vou dizer-te para parares o corpo. Está bem?”* Ele concorda e nós dizemos: *“Põe o corpo a andar”.* Não dizemos começa. Ele faz isso e nós dizemos: *“para”* e *“TU paraste o corpo?”*

Não dizemos “o teu corpo”, mas “o corpo” indicando o corpo. Damos-lhe ênfase a *ele* como um thetan que o está a fazer pois isso aumenta a autodeterminação do preclaro. Damos sempre de novo os comandos de cada processo.

Do S-C-S, o que é os três processos dados acima, existem dois outros chamados COMEÇAR-C-S e PARAR-C-S.

COMEÇAR-C-S tem exatamente os mesmos comandos que Começar em S-C-S. Damos ênfase aqui ao *Começar* e usamos Mudar e parar para agitar o Começar. O propósito aqui é reabilitar a capacidade do preclaro para começar coisas uma vez que ele foi muito imobilizado na sua vida quando as valências ou condições opositoras exerceram mau controlo sobre ele e o impediram de começar.

Depois de um preclaro ter sido percorrido em Começar-C-S o que aplanaria em certa medida os outros pontos de controle, percorremos PARAR-C-S.

Este é um processo distinto. Os comandos são os usados para Parar em S-C-S, mas aqui especializamo-nos em parar o corpo.

Levamos o preclaro a parar o corpo muitas vezes e ele fica mais habituado a fazê-lo mudando então o processo e este ponto; o auditor ao percorrer PARA-C-S, pede a preclaro para “pára o corpo absolutamente quieto”.

Isto impõe uma nova disciplina ao preclaro e torna o processo extremamente difícil para ele. É feito apenas quando S-C-S e Parar-C-S estejam em certa medida aplanados.

A seguir a isto,” pára o corpo absolutamente quieto”, podemos introduzir alguns comandos de Mudar no processo com o fim de agitar Parar-C-S que estava aplanado. Por outras palavras quando o Parar do Parar-C-S num objeto ou no corpo parece estar aplanado, podemos percorrer um pouco de *Mudar o corpo ou Mudar o objeto* e agitar Parar uma vez mais com uma alteração resultante na capacidade do preclaro para o executar. Quando Mudar já não perturba a sua capacidade de o parar, deveria ser percorrido Começá-lo como alternativa a Parar-C-S a fim de o agitar de novo.

Parar é a parte mais importante do S-C-S. Toda a vida foi dito ao preclaro para parar. Foi sempre posto em efeito. Agora levamo-lo a ficar sob o seu próprio controlo e autodeterminação e ele toma conta do automatismo.

O mesmo é válido para Mudar. Um psicótico está sempre a mudar e MUDAR-S-S toma conta do automatismo de “mudança compulsiva” e torna a pessoa mais sã.

---